

## UM OLHAR PELO VIÉS DA ‘ESTÉTICA DA RECEPÇÃO’ EM *JANE EYRE*: DA LITERATURA PARA O CINEMA E DO CINEMA PARA A LITERATURA

Sandra Mônica do NASCIMENTO<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Carlos / CAPES  
sandra.letras07@gmail.com

**Resumo:** Este artigo visa, por meio de conceitos da Estética da Recepção, no entendimento de Jans Robert Jauss, promover um estudo da adaptação cinematográfica *Jane Eyre* (2011) de Cary Joji Fukunaga, em relação à obra literária *Jane Eyre* (1847) de Charlotte Brontë. Busca-se identificar a existência de um diálogo entre a adaptação cinematográfica e seu texto fonte. Desse modo, foram analisados doze textos da crítica referentes à divulgação da adaptação, as quais proporcionaram uma releitura atual para a obra literária, através da  *fusão de horizontes*.

**Palavras-chave:** Jane Eyre; Estética da Recepção; cinema

**Abstract:** *This article aims, according to the concepts of Reception Theory as understood by Jans Robert Jauss, at studying the cinema adaptation Jane Eyre (2011) by Cary Joji Fukunaga, in relation to the literary text Jane Eyre (1847) by Charlotte Brontë. We try to identify whether there is a dialog between the adaptation and its source text. For that, twelve pieces of criticism were analyzed referring to the disseminating of the adaptation which provided the readers with a rereading of the literary text through the fusion of horizons.*

**Keywords:** *Jane Eyre; Reception Theory; cinema*

### Introdução

A adaptação cinematográfica *Jane Eyre* foi lançada em 2011 e é baseada na obra literária de Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (1847). O filme foi dirigido por Cary Joji Fukunaga e escrito por Moira Buffini; teve como diretor de fotografia Adriano Goldman; foi editado por Melanie Ann Oliver; com música de Dario Marianelli; design de produção Will de Michael O'Connor; produzido por Alison Owen e Paul Trijbits e lançado pela Focus Features e BBC Film. Os atores de destaque são Mia Wasikowska, Michael Fassbender, Jamie Bell e Judi Dench.

Com o intuito de estudar tanto a adaptação quanto à obra de maneira conjunta, este trabalho tem como objetivo analisar aspectos recepcionais da adaptação cinematográfica *Jane Eyre* (2011), a fim de perceber se há um diálogo com o romance de origem de Charlotte Brontë. Nesta perspectiva, esse trabalho propõe analisar doze textos críticos que fazem parte da divulgação do filme, visando verificar alguns elementos intra e extra literários relevantes.

A teoria de análise escolhida para esse estudo é a Estética da Recepção ou Teoria da Recepção. Dentro dos estudos literários se origina no trabalho de Hans Robert Jauss em 1960, o qual propõe uma nova concepção de história da literatura que se constrói por *produção, recepção e comunicação*. Dessa forma, a interpretação da obra literária se dá na relação dialógica entre literatura e leitor, ocasionando um processo de interação entre os mesmos.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda do Programa de Estudos de Literatura – PPGLit

## Teoria da Recepção

A Estética da Recepção, preconizada por Hans Robert Jauss, propõe um projeto para uma nova história da literatura. O teórico leva em consideração a competência de leitura do leitor, e propõe um relacionamento dinâmico entre *autor, obra e leitor*. A Teoria da Recepção dialoga com o conhecimento prévio que o leitor possui do gênero, da forma, da temática das obras já conhecidas e/ou lidas.

Neste contexto, essa teoria considera as expectativas do leitor no momento de aparição de uma obra literária. Esta por sua vez, não existe por si só; sua existência é condicionada pela sua recepção pelas gerações que se sucedem; assim: “a história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização de textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (JAUSS, 1994, p. 25)

É importante enfatizar que esses conhecimentos caracterizam o leitor para Jauss, uma vez que o considera como uma pessoa autorizada para contribuir com a recepção da obra. Essas vozes autorizadas, contudo, restringiram-se a pessoas que escreviam notas de rodapé, prefácios, revistas especializadas, suplementos jornalísticos; ou seja, os ‘homens de letras’.

A concepção de leitor inserida na História, a qual cria a possibilidade de ser mutável, faz com que ele retome o *horizonte de expectativas*, e o avance, podendo até mesmo contrariá-lo. Nesse sentido, a obra literária tem a capacidade de ser renovada, quando há a quebra do *horizonte de expectativas*:

O horizonte de expectativas da literatura distingue-se daquela da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para experiências futuras. (JAUSS, 1994, p. 52)

Nesta perspectiva, Jauss define a distância estética, a qual está entre o horizonte de expectativa preexistente do leitor, em seu conhecimento de mundo enquanto leitor, e a aparição de uma nova obra. Embora o Formalismo Russo seja um dos alvos de crítica de Jauss, há um diálogo com essa Escola para a definição da ruptura do horizonte de expectativa do leitor diante de uma nova obra, pois se ocorre um “estranhamento” do deste em relação à obra, essa tem valor estético. O horizonte de expectativas é positivamente frustrado e daí alterado, ocorrendo uma *desautomatização* do ato da leitura. No entanto, caso o leitor considere a obra como algo esperado e óbvio, não acontece avanço em relação ao que esperava; a obra não apresenta grande valor estético. Para Jauss, essa distância pode variar, uma vez que uma obra pode ser de estranhamento para alguns leitores, em determinado tempo, e óbvia para outros, em momentos distintos. Jauss argumenta que:

“um passado literário só logra retornar quando uma nova recepção o traz de volta ao presente, seja porque, num retorno intencional, uma postura estética modificada se reapropria das coisas passadas, seja porque o novo momento da evolução literária lança uma luz inesperada sobre a literatura esquecida [...] (JAUSS, 1994, p. 44)

Nesse sentido, o leitor deve realizar uma leitura a contrapelo, a fim de atribuir a obra literária, novamente o caráter artístico. Desse modo, há a possibilidade da reconstrução do horizonte de expectativas, uma vez que com o diálogo com passado, o leitor conhece as questões para as quais o texto constituiu uma resposta; essa constatação pode trazer, no

presente, a possibilidade de uma recepção diferente do texto, pode ocorrer uma mudança na maneira como o leitor recebeu a obra anteriormente. A história da recepção de uma obra literária está em saber sua recepção passada, e avançar a recepção do presente; trata-se da *fusão de horizontes*, conceito que Jauss desenvolve a partir de Gadamer.

Desse modo, Jauss enfatiza a abordagem diacrônica, em que o processo de recepção e produção, de colocação de problemas e surgimento de soluções por obras literárias, é chamado de *mediação*. Aponta que somente pelo conhecimento desse processo é possível traçar uma sequência histórica da literatura. Esta é necessária para situar uma obra na sucessão histórica, em que é preciso considerar a história dos efeitos, de recepções anteriores. O teórico propõe, contudo, que é importante, a periodização, ou seja, efetuar um corte sincrônico para a história da literatura, em um determinado momento.

Além disso, a literatura se compõe por uma multiplicidade heterogênea e não simultânea, do ponto de vista da produção, a qual considera obras contemporâneas e obras escritas em períodos passados. Nessa concepção, a multiplicidade de manifestações literárias deve fazer parte da sua atualidade para o público. O leitor deve encontrar nesse simultâneo, as obras que tem caráter articulador de diferentes fases sincrônicas, ou seja, obras de ruptura as quais possibilitam o processo de evolução literária.

Diferentemente do acontecimento político, o literário não possui consequências imperiosas, que seguem existindo por si sós, e das quais nenhuma geração anterior poderá mais escapar. Ele só logra seguir produzindo o seu efeito na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras, ou seja, por elas retomadas – na medida, pois, em que já leitores novamente que se apropriem da obra passada, ou autores que desejam imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la. (JAUSS, 1994, p. 26)

O estudo proposto analisará a recepção atual da adaptação cinematográfica, analisando críticas feitas pelos leitores considerados autorizados (na concepção de leitor para Jauss), e também proporcionando um diálogo com o passado, uma vez que o filme se constitui como um processo de criação de um livro do século XIX. Assim, as características a serem analisadas nas críticas partem do romance, pois além de serem fundamentais para o entendimento da obra literária, repercutem também alguns dos principais conceitos de como o livro foi recebido em sua época.

Dessa forma, há uma tentativa de diálogo com o passado e com o presente, cuja recepção cria novas possibilidades de atualização da obra. Esta por sua vez, pode ser vista na atualização da literatura para o cinema, no diálogo entre o passado e presente, em busca, muitas vezes, de uma atualização da leitura, ou de proporcionar uma releitura. Este estudo considerou a recepção do filme, a fim de verificar como o leitor/crítico retoma as características presentes na obra literária.

### ***Jane Eyre* no Cinema do século XXI**

A adaptação cinematográfica *Jane Eyre*, recentemente lançada, tem um site oficial<sup>2</sup>, em que aparecem doze trechos de críticas que a página principal demonstra com prioridade. Esses trechos estão colocados acima da possibilidade de assistir ao trailer, o que pode validar recepção do filme. De forma automática, estas críticas são sequencialmente trocadas, fazendo parte da divulgação do filme. Conforme a figura abaixo demonstra:

---

<sup>2</sup> [http://focusfeatures.com/jane\\_eyre](http://focusfeatures.com/jane_eyre)



Figura 1 – Imagem das Críticas no Site da Adaptação<sup>3</sup>

O destaque dado pela localização na página a essas críticas mostra que o caráter recepional é muito importante para o olhar prévio dessa adaptação cinematográfica.

Os doze trechos ressaltados, encontrados na página principal, aparecem da seguinte maneira:

- ✓ “Beautiful. A splendid example of how to turn a beloved work of classic literature into a movie” - *The New York Times*
- ✓ “Transfixing” – *The Wall Street Journal*
- ✓ “Distinctively original and bewitching!” - *USA Today*
- ✓ “Attracts with a deep tidal force!” – *Chicago Sun-Times*
- ✓ “Fiercely intelligent & Passionate” – *ELLE*
- ✓ “A classic for a New Generation” – *Rolling Stones*
- ✓ “Let the swoons begin!” – *Vanity Fair*
- ✓ “Mia Wasikowska is amazing. Hands down my favorite Jane” - *New York Magazine*
- ✓ “Romantic, thrilling & often scary!” – *US Weekly*
- ✓ “Two actors who strikes sparks! ‘Jane Eyre’ hits the jackpot with Mia Wasikowska” – *Time Magazine*
- ✓ “Truly suspenseful” – *Ebert Presents At The Movies*
- ✓ “Thrilling & feverishly outful!” – *NPR*

Desse modo, esse estudo analisa estas doze críticas, em relação aos elementos literários que serão definidos. Nesta perspectiva, é necessário compreender alguns aspectos

<sup>3</sup> Fonte: Site oficial do filme *Jane Eyre* (2011)

principais da obra literária de Charlotte Brontë. O romance *Jane Eyre* demonstra como o contexto vitoriano interfere nas ações da personagem principal da obra. A era vitoriana, o período do reinado da rainha Vitória (1837-1901), iniciou uma fase prolongada de um progresso pacífico, conhecido como Pax Britannica. Isso pode acontecer devido à consolidação da Revolução Industrial, que espalhou o empreendimento colonial da Inglaterra, o imperialismo no exterior. Esta descoberta deu um impulso para o desenvolvimento de uma mídia social e ilustrada; outro fator é a questão do puritanismo social geralmente atribuído à classe média da Inglaterra Vitoriana.

A construção da obra literária *Jane Eyre* (1847) segue a forma de um *Bildungsroman*, que é um romance que narra a história do amadurecimento de uma criança, demonstrando suas emoções e experiências, as quais a acompanham durante todo o seu crescimento até a idade adulta. Estas fases de desenvolvimento são demonstradas no enredo, em cinco etapas distintas, cada uma ligada a um lugar particular; são elas: a infância de Jane em Gateshead, a sua educação na Lowood School, o trabalho como governanta de Adèle em Thornfield, o convívio com a família Rivers em Moor House, e finalmente o seu reencontro com Rochester e o casamento em Ferndean. Essa organização do enredo constrói e mostra que essas experiências concorrem para o amadurecimento da personagem Jane, a qual se torna uma mulher experiente que narra o romance retrospectivamente.

Deste modo, as personagens do romance são construídas de forma proposital, a fim de que o leitor se identifique com as situações do seu próprio cotidiano, como por exemplo, a temática do amor e do casamento. Nessa sociedade, esse assunto é apresentado com uma grande ênfase, uma vez que no enredo o ato de se casar ou não afeta diretamente o futuro da protagonista.

Essas ideias, principalmente relativas a seu papel social e à instituição casamento, foram incansavelmente difundidas nos mais diversos tipos de publicações à disposição do público setecentista. Os periódicos, as revistas femininas e os romances foram armas poderosas na divulgação de novas atitudes e valores e funcionaram como fonte de instrução para a maioria das mulheres, para quem a escola não constituía propriamente uma opção. (VASCONCELOS, 2002, p.106)

Vasconcelos apresenta o romance como um produto cultural, por meio do qual a classe em ascensão buscava a divulgação e consolidação de um ideário de feminilidade adequado a seus propósitos. É importante ressaltar, que a tradição literária da época também influenciou a constituição do enredo, uma vez que a terceira geração do romance representada pelo horror e gótico, é inerente ao início do século XIX. A literatura gótica tornou-se popular na Inglaterra no final do século XVIII, e geralmente, descreve as experiências sobrenaturais, paisagens remotas e misteriosas, as quais criam uma atmosfera de suspense e medo. Embora essa obra literária não seja um romance gótico, é notória a presença desses recursos nesse romance.

Nesse contexto avesso à autoria feminina, as irmãs Brontë são autoras fundamentais no estudo da Literatura Inglesa, elas publicavam seus livros com pseudônimos masculinos. Charlotte tinha o pseudônimo de Currer Bell, Emily de Ellis Acton e Anne de Bell Acton. Somente após o sucesso de *Jane Eyre* (1847) a autora revelou sua identidade. Os textos dessas autoras buscam resgatar uma sensibilidade feminina, em uma nova forma de análise em relação à interpretação masculina, tida como padrão. A mulher passa a ter voz e a analisar o patriarcalismo, e conseqüentemente liberar as opressões sentidas, principalmente por elas.

Para a investigação aqui proposta, foram selecionados elementos intra e extra literatura, relacionados à *Jane Eyre* e à escritora, a saber: Charlotte Brontë; irmãs Brontë's; enredo; o gênero literário romance; era Vitoriana; literatura Gótica e história de Amor.

A análise desse trabalho se dá pela verificação da ocorrência desses elementos nos doze textos críticos que aparecem em posição de destaque no site; a fim de se perceber se há diálogo entre a obra literária e sua adaptação.

### Análise das Críticas: possíveis diálogos?

Para a análise das críticas, a fim de proporcionar uma melhor visualização dos dados encontrados, foram confeccionados uma tabela e um gráfico. Esse procedimento de análise, possibilitado pela Estética da Recepção, oferece uma organização adequada dos dados, em que se podem perceber indícios fundamentais, os quais serão demonstrados a seguir:

Críticas	Elementos da Obra Literária							Total
	Charlotte Brontë	Irms Brontës	Enredo	Romance	Era Vitoriana	Literatura Gótica	História de Amor	
The New York Times	x	x	-	x	x	x	-	5
The Wall Street Journal	x	-	x	x	x	x	x	6
USA Today	x	-			x	x	x	4
Chicago Sun-Times	x	-	x	x	x	x	-	5
ELLE	x	x	x	x	x	x	x	7
Rolling Stone	x	-	-	x	x	x	x	5
Vanity Fair	x	-	-	x	x	-	-	3
New York Magazine	-	-	-	-	-	x	-	1
US Weekly	x	-	-	x	-	x	x	4
Time Magazine	x	x	-	x	x	x	-	5
Ebert Presents	x	-	-	x	-	x	x	4
NPR	x	x	x	x	x	x	-	6
<b>Total</b>	11	4	4	10	9	11	6	

Tabela 1 – Análise das Críticas<sup>4</sup>

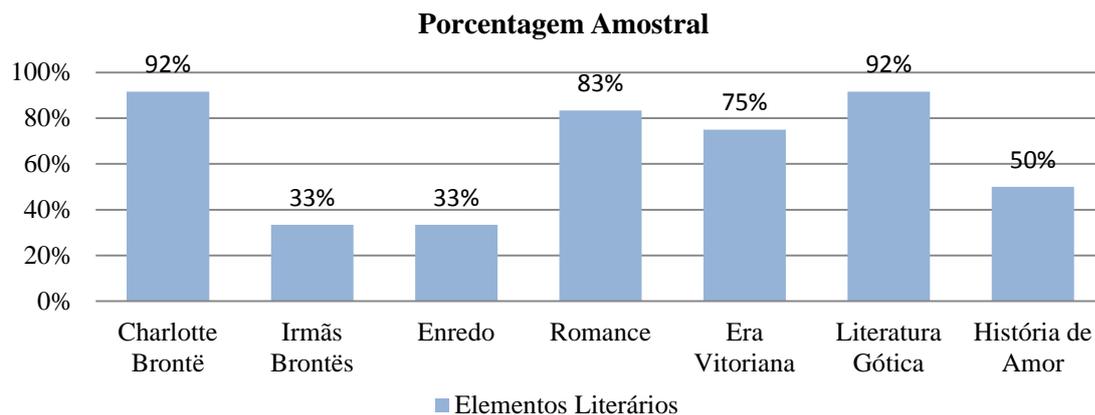
Essa tabela foi elaborada por meio da relação entre as críticas mencionadas e dos elementos pré-definidos da obra literária. Dessa forma, houve uma análise individual para cada artigo, em que foram observados se os elementos literários pré-definidos estavam presentes ou não. Quando o elemento foi encontrado, então no gráfico foi colocado um 'X', caso contrário um traço.

Sendo assim, essa tabela revela tanto a soma dos elementos da obra literária em relação a cada crítica de forma individualizada, como a contagem da somatória total dos elementos da obra literária em relação a todas as críticas analisadas. Com esse recurso, podemos notar como os elementos literários dialogam em cada uma dessas críticas, e observar quais delas apontam para um maior ou menor número de relação com a obra literária.

A crítica com maior referência aos elementos literários pré-definidos foi feita pela revista *ELLE*, em que são apontados todos os sete elementos. Por outro lado, com menor frequência, a qual há apenas um elemento, foi feita pela *The New York Magazine*. O jornal *The Wall Street Journal* e a rede de rádio National Public Radio mencionaram seis dos elementos selecionados. Os jornais *The New York Times*, *Chicago Sun-Times*, as revistas *Rolling Stone*, *Time Magazine* e o programa Ebert Presents At The Movies: Reviews, Critics, Shows indicaram a ocorrência de cinco. O jornal *USA Today* e a revista *US Weekly* citaram quatro. A revista *VanityFair* reportou três.

Ademais, foi elaborado um gráfico, o qual pode demonstrar a porcentagem de cada elemento literário em relação ao espaço amostral das 12 críticas.

<sup>4</sup> Fonte: Elaborada pela própria autora.

Gráfico 1 – Porcentagem Amostral<sup>5</sup>

A porcentagem desse gráfico indica que no espaço amostral analisado, os elementos relacionados à obra literária, mencionados, aparecem na seguinte ordem: com maior frequência, foram autora da obra, Charlotte Brontë, e a Literatura Gótica, totalizando 92%, cada um. Em seguida, 83% para o gênero literário da obra, o romance. Nessa amostragem há para o contexto histórico, da Era Vitoriana, um total de 75%. A menção para a história de amor, um total de 50%; e finalmente os elementos, enredo e irmãs Brontë com 33% para cada um, aparecendo com menor frequência.

Esse procedimento de estudo, possibilitado pela Estética da Recepção, revelou através da análise da recepção cinematográfica, o que está sendo mais e/ou menos evidenciado perante as críticas, em relação à obra literária. É importante enfatizar que a Teoria da Recepção proporciona a possibilidade de ressaltar essas correlações, e alertar de forma significativa a existência desses dados, proporcionando uma ‘porta de entrada’ de análise essencial para pesquisa sobre obras e adaptações para outras mídias.

Por outro lado, é importante refletir sobre os limites que essa teoria apresenta, uma vez que, não é possível responder os motivos, os porquês, para compreender a discrepância nos valores percentuais, quando se utiliza apenas essa teoria. Nesse caso, esse estudo, em outro momento, deveria estabelecer um diálogo com outras teorias críticas, para que haja outros suportes de análise; em que considere, por exemplo, características, políticas, históricas e sociais, ou seja, elementos de análise externos ao objeto de estudo. Nesta perspectiva, não é o objetivo desse trabalho responder os motivos, e sim demonstrar as possibilidades de análise através da Estética da Recepção.

A análise dessas críticas indica outros trabalhos já realizados com a mesma temática, divulgando e instigando o público a conhecer outros filmes. Em especial há um diálogo com outras adaptações de *Jane Eyre*, tanto para o cinema quanto para a televisão (série), e indicações para filmes feitos anteriormente por pessoas que trabalharam no elenco de *Jane Eyre* (2011).

Os filmes indicados com maior frequência foram: *Sin Nombre* (2009) dirigido também por Cary Joji Fukunaga, vencedor nesse filme do prêmio (Directing Award); *Tamara Drewe* (2010) em que Moira Buffini também foi roteirista; *Alice no País das Maravilhas* (2010) e *The Kids Are All Right* (2010) os quais a atriz Mia Wasikowska (protagonista da adaptação *Jane Eyre*) fez, e *Bastardos Inglórios* (2009) e *Fish Tank* (2009) nos quais Michael Fassbender (protagonista da adaptação *Jane Eyre*) também trabalhou.

A recepção da adaptação cinematográfica, além de levar a outras referências de filmes, pode muitas vezes, retomar a publicação da obra literária. Em especial, com essa adaptação

<sup>5</sup> Fonte: Elaborada pela própria autora.

aconteceu isso, no mesmo ano em que ocorreu o lançamento do livro, paralelamente a obra literária foi reeditada com a capa do filme. Nesse caso, fazendo uma referência explícita ao filme.



Figura 2- Capa do Livro Europa-América

A Paixão de Jane Eyre, publicada pela primeira vez em 1847, atraiu de imediato a atenção do público da época e dividiu a crítica. Habituada às heroínas de Jane Austen, que pareciam conhecer exatamente o seu lugar no meio social, a sociedade britânica sentiu-se desconfortável com o personagem feminino criado por Charlotte Brontë: embora as ações de Jane observem o código convencional de comportamento feminino, deixam transparecer também uma poderosa declaração de independência das mulheres. [...] <sup>6</sup>

Essa reedição foi realizada pela Europa-América em março de 2011. Na capa há uma indicação para que o leitor: “Leia o livro. Veja o filme”. É evidente, que há uma estratégia de mercado, a qual quer conciliar a divulgação do filme com futuros possíveis leitores e vice e versa, e que também quer abranger o público leitor da obra, para serem possíveis expectadores. No entanto, o livro é reeditado com outro nome, ‘A Paixão de Jane Eyre’ que não é o título original da obra literária. Essa questão não pode passar despercebida, uma vez que a ênfase na paixão e história de amor também pode ser uma estratégia para a venda. É importante salientar também que na descrição do livro, há um diálogo com o público leitor de Jane Austen, possivelmente para que esses sejam provocados à leitura de Charlotte Brontë.

Nesse caso, a estratégia de marketing também revela um possível diálogo entre a adaptação cinematográfica com a obra literária, uma vez que promove a divulgação do filme e simultaneamente reedita o livro. Há um processo de via de mão dupla, uma vez que a adaptação passa a ser divulgada através do seu texto fonte, e vice e versa.

Com esse intuito, no site da adaptação cinematográfica de *Jane Eyre* (2011) há várias possibilidades do público leitor e/ou expectador, conhecer tanto o trabalho realizado durante as gravações do filme; através de lugares, fotografias, slides, entrevistas, como de saber mais sobre a autora Charlotte Brontë; uma vez que há também indicações de slides, com dados históricos, com a divulgação de outras adaptações da obra literária para outras linguagens. Há, por exemplo, uma entrevista com a roteirista do filme, Moira Buffini, a qual explica o seu processo de criação do roteiro, baseada na obra literária. A roteirista revela a sua paixão por Charlotte Brontë, desde quando era adolescente:

<sup>6</sup> [http://www.europaamerica.pt/product\\_info.php?products\\_id=1651&osCsid=6jjkj71oi9otkqp9o5hmjbt455](http://www.europaamerica.pt/product_info.php?products_id=1651&osCsid=6jjkj71oi9otkqp9o5hmjbt455)

Quando foi o seu primeiro encontro com o romance de Charlotte Brontë? Eu acho que foi cerca dos 15 anos. Eu era uma garota da escola, e eu não conseguia largá-lo. [...] Embora eu achei uma leitura difícil em termos de sua linguagem rica, e algumas de suas ideias, [...], eu nunca tinha lido um livro tão apaixonada. Eu ainda acho que não li um livro tão apaixonante como *Jane Eyre*. Isso teve um efeito profundo em mim, não só porque é uma história de amor sombria e brilhante, mas por causa do que ela diz sobre a sociedade, sobre a riqueza e a pobreza, sobre mulheres e homens. (Tradução Nossa)<sup>7</sup>

É evidente o processo de divulgação da obra literária, uma vez que o filme foi baseado no livro. O filme foi realizado pela BCC Film, e nesse site há um Guia de Estudos Online referente à obra literária, e também um link de indicação para o Museu das irmãs Brontë. Esses indicadores são importantes para validar o diálogo com a obra literária.

### Diálogos Possíveis

De acordo com alguns conceitos importantes da Estética da Recepção, percebe-se que a adaptação cinematográfica de *Jane Eyre* (2011) pode levar a um diálogo com a obra literária de Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (1847). Esse processo valida a tese de Jauss, de que a recepção da obra literária é dinâmica. O teórico aponta que, através da recepção o leitor pode revitalizar a obra, por meio de novas leituras.

É válido ressaltar que Jauss não preconiza em seu trabalho, críticos especializados como escritores de sites, e nem textos retirados na internet; como é o caso desse estudo. No entanto, o teórico promove através da Estética da Recepção um diálogo entre o passado de uma obra com o seu presente, estabelecendo assim *a fusão de horizontes*.

Jauss examina ainda as relações do texto com a época de seu aparecimento. A reconstituição do horizonte de expectativas não só possibilita uma recuperação do processo de comunicação no momento em que a obra surgiu, como também cria oportunidade para que seja feita a recuperação da história da recepção. (FERREIRA, 1998, p.6)

A história da recepção revela que o horizonte de expectativas da obra literária de Charlotte Brontë ocorreu através da história de amor e paixão. Já com a análise de dados da releitura da obra, feita pelas adaptações, os elementos literários de maior destaque fizeram referência para a autora da obra e para a literatura gótica. Nesse contexto, há uma revitalização da obra por parte do público leitor atual, em que gera uma nova possibilidade de interpretação para a obra.

---

<sup>7</sup>When did you first encounter *Brontë's* novel *Charlotte*? I think I was about 15. I was a school kid, and I couldn't put it down. I literally could put it down. Although I found it a difficult read in terms of its rich language, and some of its ideas, which I knew were going just right over my head, I had never read such a passionate book. I still don't think that I have read such a passionate book as *Jane Eyre*. It had a profound effect on me, not just because it's a dark and brilliant love story, but because of what it says about society, about wealth and poverty, about women and men.

Nesse sentido, a Estética da Recepção além de promover a história da recepção de uma obra, suscita uma relação da literatura com a sociedade, em que considerando o ponto de vista do leitor, revela o seu caráter formador. De acordo com Jauss, “A relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto na esfera sensorial, como pressão para a percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio a reflexão moral.” (JAUSS,1994,p. 53)

A literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então no seu comportamento social. Desse modo, a evolução da literatura se dá não só no campo estético, da percepção, mas também no campo ético, provocando a reflexão moral.

### **Conclusão**

Esse estudo demonstrou a importância que a Teoria da Recepção tem para os estudos literários, uma vez que, atualiza a leitura e/ou a releitura que fazemos de uma obra, principalmente através de sua história da recepção. O diálogo entre o passado e o presente, possibilitado pela  *fusão de horizontes*, em especial do leitor e de seu conhecimento de mundo, tem muito a contribuir com a análise de uma obra.

É válido ressaltar também que a Literatura e o Cinema são figurados com suas diferentes linguagens, e que pode ocorrer um estudo comparado, para além da questão da fidelidade. Nesse estudo, os objetos pesquisados foram simultaneamente o filme e o livro, nos quais se percebem diálogos do filme para a obra e vice e versa. A Estética da Recepção proporcionou ainda uma discussão atual e a revitalização para uma nova interpretação da obra literária.

### **Referências**

FERREIRA, R. T. R. *Marguerite Duras no Brasil: Aspectos da Recepção Crítica*. Universidade Federal de Santa Catarina. 1998. [Dissertação para a obtenção do título de Mestre].

JAUSS, H. R. *A História da Literatura Como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994

VASCONCELOS, S. G. *Dez lições: sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 165.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção de História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

[http://focusfeatures.com/jane\\_eyre](http://focusfeatures.com/jane_eyre) (Acessado em 10/06/2012)

[http://www.europaamerica.pt/product\\_info.php?products\\_id=1651&osCsid=6jjkj71oi9otkqp9o5hmjbt455](http://www.europaamerica.pt/product_info.php?products_id=1651&osCsid=6jjkj71oi9otkqp9o5hmjbt455) (Acessado em 10/06/2012)

<http://www.bronte.info/> (Acessado em 10/06/2012)